

## CAPÍTULO IX

# Surge um Novo Modo de Produção

NOS ÚLTIMOS cinquenta anos uma nova classe surgiu de forma significativa no cenário histórico. Assumiu o poder nos países comunistas soviéticos através do desvirtuamento de uma revolução originalmente socialista, e vem ganhando poder crescente nos países subdesenvolvidos através do controle do Estado e das forças armadas, e mesmo nos países capitalistas desenvolvidos vem crescendo em importância não só ao nível do Estado, mas também ao nível das grandes organizações privadas. Chamamos a estes novos atores da história de classe tecnoburocrática e ao sistema econômico correspondente, de modo de produção tecnoburocrático.

Este modo de produção só se tornou dominante nos países comunistas soviéticos. Nos países subdesenvolvidos e nos países industrializados temos formações sociais mistas, em que o modo de produção capitalista tende ainda a ser dominante.

Não vou agora reproduzir toda a extensa argumentação que desenvolvemos em trabalho anterior sobre a emergência da tecnoburocracia (1972). Embora esteja pessoalmente convencido de que terei que repetir e desenvolver estes argumentos *ad nauseam*, não é este o melhor momento para reabrir toda a discussão. O capitalismo é ainda poderoso no mundo ocidental. É provável, no entanto, que muito depois deste modo de produção haver desaparecido completamente da face da Terra, haverá aqueles que continuarão a afirmar que estamos em plena época do capitalismo.

Será provavelmente um capitalismo sem burguesia nem capital, sem conceito de lucro nem de mercado. Mas se falará em capitalismo de estado ou em capitalismo burocrático, ainda que os capitalistas e o capital propriamente dito não mais existam. Entendemos que tecnoburocratismo, modo de produção tecnoburocrático ou qualquer outro nome semelhante são mais apropriados para caracterizar o fenômeno histórico sob análise. Muito mais importante do que os nomes, entretanto, é a visão histórica e crítica do problema.

O modo tecnoburocrático de produção emerge historicamente para estabelecer, em termos renovados, um sistema de classes e de privilégio, para instaurar um sistema de poder autoritário. Só é possível compreender e denunciar este fenômeno histórico na medida em que sejamos capazes de distinguir o capitalismo clássico desse novo modo de produção em emergência.

O modo de produção capitalista, em sua mais pura forma, verificou-se na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos no século passado. As características históricas mais gerais deste modo de produção que Marx conheceu e analisou são: a) o surgimento do capital e, portanto, da relação de produção capitalista, através da separação dos instrumentos de produção dos trabalhadores e sua apropriação pela burguesia; b) a generalização da mercadoria, ou seja, a transformação de todos os bens em mercadorias com valor de troca; c) o surgimento do trabalho assalariado, ou seja, a transformação do trabalho também em mercadoria; d) a apropriação do excedente econômico pela burguesia através da obtenção de lucros (mais-valia); e) a incorporação sistemática do progresso técnico, visando ao aumento da produtividade (mais-valia relativa) condição básica de sobrevivência e da obtenção de lucros por parte das empresas; f) a multiplicidade de pequenas e médias empresas agindo em um mercado concorrencial sob a coordenação do mecanismo dos preços.

Todas estas características são historicamente novas. Algumas precedem a Revolução Industrial, mas só se tornam efetivamente dominantes após a grande transformação tecnológica, social e política que foi a Revolução Industrial. Na verdade, esse processo histórico revolucionário seria melhor caracterizado se fosse chamado de Revolução Capitalista, já que a emergência do capitalismo, mais do que a emergência da indústria, é a marca decisiva do processo. Alguns países menores do sistema capitalista central, como a Holanda, a Dinamarca e a Nova Zelândia, não passaram

propriamente por uma revolução industrial, mas realizaram uma revolução capitalista.

Em qualquer hipótese, é importante assinalar que a emergência do modo de produção capitalista na Europa, surgido em estreita conexão com a revolução industrial, não foi consequência da evolução histórica necessária da humanidade. O êxito histórico desse modo de produção e o fato de, até hoje, boa parte do mundo viver sob o modo de produção capitalista podem levar-nos a esta conclusão. Se considerarmos, entretanto, como característica essencial do capitalismo o surgimento de uma burguesia como classe dominante, a qual passa a controlar a produção e a apropriação do excedente econômico, não pela força ou a violência, como acontecia nos modos de produção pré-capitalistas, mas através da realização da mais-valia no mercado, através da transação de mercadorias, inclusive o trabalho, pelo seu respectivo valor de troca, não é difícil detectar o caráter historicamente de exceção desse modo de produção. E isto se torna ainda mais claro quando observamos que, em todo o mundo, a coordenação econômica através do mercado volta a ser substituída pela coordenação administrativa, pelo planejamento, sob a égide de tecnoburocracias públicas e privadas, no seio do Estado e das grandes empresas. Na verdade, a confusão entre capitalismo e industrialização — esta, sim, uma tendência histórica da humanidade — ajuda a explicar duas idéias-chave do mundo moderno: a crença na necessidade histórica do capitalismo e a crença de que este modo de produção tende a permanecer indefinidamente, enquanto não for destruído pela revolução socialista. O modo de produção mais estável historicamente e que dominou grande parte das civilizações por mais tempo foi o modo asiático de produção. O modo capitalista de produção surgiu na Europa, onde o modo asiático não havia se desenvolvido plenamente e permitira, desta forma, o surgimento de um modo de produção menos estruturado administrativamente — o de produção feudal. Este é também um modo de produção excepcional, quando não é confundido com o de produção asiático. A dissolução do modo feudal de produção, através do surgimento da burguesia e da proletarianização dos servos, permite o surgimento do capitalismo, o qual, caracterizado por grande capacidade de assimilação de progresso técnico, é marcado historicamente pela revolução comercial, pela revolução agrícola e,

finalmente, pela revolução industrial, com a qual acaba sendo indevidamente confundido.<sup>1</sup>

O modo de produção capitalista revestiu-se naturalmente de formas diversas. Suas características foram especialmente diferentes nos países periféricos, dependentes. Nestes, em uma primeira fase, boa parte do capital era controlada por capitalistas dos países centrais. A maior parte do excedente era assim desviada para o exterior. Além disso, um mercado plenamente concorrencial jamais chegou a se formar. Formas mercantilistas (e, portanto, apenas semicapitalistas) de produção e de apropriação especulativa do excedente, via poder de monopólio e não via aumento de produtividade, tenderam a ser preponderantes. Nestes termos, não ocorria desenvolvimento tecnológico, nem desenvolvimento econômico propriamente dito, mas um processo de expansão das fronteiras agrícolas ou, então, a implantação de enclaves modernos para a extração de minerais diretamente por empresas estrangeiras. Esse foi o capitalismo do modelo primário exportador. Em uma segunda etapa, a partir da segunda metade do século XX, depois de passar pela fase de transição caracterizada pela industrialização substitutiva de importações, tende a definir-se nos países subdesenvolvidos o capitalismo do modelo de subdesenvolvimento industrializado, no qual elementos tecnoburocráticos tornavam-se cada vez mais significativos.<sup>2</sup>

No centro, mais do que na periferia, o capitalismo tem-se revelado essencialmente dinâmico. As tendências à concentração e centralização do capital, já previstas por Marx, acentuaram-se de maneira extraordinária. Grandes empresas oligopolísticas nacionais e depois multinacionais substituíram as pequenas e médias empresas do capitalismo original. A concorrência monopolística e o oligopólio cartelizado substituíram a concorrência mais generalizada. As empresas burocratizaram-se. O Estado também cresceu e burocratizou-se. A coordenação da economia passou a ser realizada de forma crescente via planejamento, embora os mecanismos de

<sup>1</sup> Sobre as relações entre o modo asiático de produção, o feudalismo e o surgimento do capitalismo ver Samir Amin (1973, p. 4-48). Nesse texto, Amin demonstra o caráter historicamente de exceção, tanto do feudalismo quanto do capitalismo, em relação ao modo asiático ou tributário de produção.

<sup>2</sup> Sobre o modelo de subdesenvolvimento industrializado, ver Bresser Pereira (1975). Não examinamos neste trabalho a problemática do capitalismo periférico, nem a forte tendência à tecnoburocratização que vem ocorrendo em todos os países subdesenvolvidos, na medida em que o capitalismo clássico se revela incapaz de promover a industrialização.

mercado continuassem a funcionar. Os tecnoburocratas públicos e privados ganharam uma crescente autonomia e passaram a apropriar-se do excedente via ordenados. Os capitalistas, entretanto, continuam ricos e poderosos, controlam ainda grande parte do capital e auferem lucros consideráveis, utilizados para o consumo suntuário. O capitalismo continua, assim, o modo de produção dominante, ainda que os traços do modo de produção tecnoburocrático já se façam sentir de maneira marcante, seja ao nível das grandes empresas seja ao nível do Estado.<sup>3</sup> A expressão capitalismo monopolista de Estado é provavelmente a mais adequada para descrever esta mutação parcial do modo de produção capitalista original, que estamos denominando, indiferentemente, clássico, concorrencial ou liberal.

Não há nenhuma razão, porém, para que o modo de produção capitalista seja historicamente permanente. Pelo contrário, isto é um contra-senso. O capitalismo é dinâmico por natureza, e as transformações por que passa, seja no plano do desenvolvimento das forças produtivas, seja no das relações de produção, seja no da superestrutura política e ideológica, são tão profundas, que, mais cedo ou mais tarde, terão alterado de forma intensa o modo de produção capitalista original, por via revolucionária ou não, a ponto de as transformações produzirem um novo modo de produção qualitativamente diferente. Propomos que esse sistema econômico e político em emergência seja denominado modo de produção tecnoburocrático ou tecnoburocratismo.

Não devemos entender a história como um processo linear de etapas necessárias. Marx certamente classificava os modos de produção de acordo com seu grau de desenvolvimento tecnológico e com a complexidade de suas relações de produção. Nesse sentido, alguns modos de produção eram mais avançados, representavam um estágio superior em relação ao outro. Mas isto não significa que os modos de produção devessem seguir qualquer ordem necessária. Conforme observa Hobsbawn (1971, p. 27), “a afirmação de que as formações asiáticas, antiga, feudal e burguesa são

<sup>3</sup> Esta expressão está baseada na concepção de capitalismo de Estado de Lenin. Para ele capitalismo de Estado era uma formação social capitalista em que a burguesia, proprietária privada do capital, se apóia integralmente no Estado. Afirma ele: “Para tornar as coisas ainda mais claras vamos, em primeiro lugar, tomar o exemplo mais concreto de capitalismo de Estado. Todos sabem que exemplo é esse. É a Alemanha. Nós temos ali a ‘última palavra’ em engenharia capitalista moderna em larga escala e em organização planejada subordinada ao imperialismo Junker-burguês” (1918).

'progressivas' não implica nenhuma visão linear simples da história, nem ponto de vista elementar de que toda a história seja progresso. Simplesmente afirma que cada um desses sistemas se aparta cada vez mais, em aspectos cruciais, da situação original do homem", ou seja, da comunidade primitiva.

O modo de produção tecnoburocrático, portanto, embora possa ser considerado mais avançado do que o capitalista, não ocorre apenas depois que este esgota suas virtualidades. Pelo contrário, ele pode ganhar vigência mais facilmente naqueles países onde o capitalismo menos se desenvolveu e, por outro lado, onde, por razões políticas e/ou militares, uma classe de burocratas civis e militares assumiu o poder. Isto vem ocorrendo em diversos graus de intensidade nos países subdesenvolvidos. E ocorreu de forma quase completa na União Soviética e nos demais países chamados comunistas ou socialistas. Nestes países e principalmente na União Soviética definiu-se um tipo histórico de formação social em que o modo de produção tecnoburocrático é claramente dominante.

Quais os traços fundamentais do modo tecnoburocrático de produção? Para defini-los vamos partir da distinção adotada por Althusser entre os conceitos de modo de produção e formação social, o primeiro significando um modelo histórico abstrato e o segundo uma realidade histórica concreta. Neste trabalho não nos interessam as formações sociais, que são em geral mistas, contendo de forma hierarquizada mais de um modo de produção. Vamos simplesmente contrastar o modo de produção capitalista em sua forma pura com o modo tecnoburocrático de produção também em sua forma pura. Através deste método, em que evitaremos a discussão das situações intermediárias, teremos uma visão crítica e dialética de um fenômeno histórico de extraordinária importância. O crescimento generalizado das organizações burocráticas e do Estado em todo o mundo e o surgimento de um grande Estado plenamente burocrático como a União Soviética exigem o desenvolvimento de novos instrumentos de análise, entre os quais a definição e a caracterização de um novo modo de produção nos parecem essenciais. Examinemos pois, a partir desta formação social, as diferenças estruturais entre o modo de produção capitalista e o tecnoburocrático.

Usarei a União Soviética como base de referência para esta análise. É preciso, entretanto, deixar claro que inicialmente não foi minha preocupação com esse país, e sim com as formações mistas ainda predominantemente capitalistas, mas já com fortes traços tecnoburocráticos como é o

caso do Brasil, que me levou a esta análise. Considero a caracterização de um novo modo de produção de base burocrática ou tecnoburocrática como um instrumento teórico essencial para a compreensão não apenas da União Soviética, mas também de todas as formações capitalistas contemporâneas. Sem a adoção de um modelo desse tipo, a compreensão da estrutura econômica, das relações de classes e da superestrutura política e ideológica dessas formações sociais torna-se limitada e insatisfatória. Ou nos limitamos a repetir conceitos que caracterizam melhor o capitalismo do século passado, ou então passamos a realizar generalizações ideológicas a respeito de uma sociedade “pós-industrial” com base em projeções lineares do desenvolvimento das sociedades capitalistas avançadas e principalmente dos Estados Unidos.